



Por uma cultura de paz

**139. RedeUnaViva: Meditação Cristã 139 – paragem 6-331 –
14.05.2017**

MATEUS 12: 31-37; MARCOS 3:28-30

O COMPROMETIMENTO DO HOMEM DE DEUS

Auto-indagação reflexiva e expansiva:

1. Como diferenciar a palavra ensinada no contexto profano do sagrado?

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

2. Como fazer do meu coração um bom tesouro, e da minha vida uma boa árvore, para, em meditação, reconhecer o Cristo?

139.1 Introdução: O pecado da blasfêmia.

Na cronologia aqui adotada, a cura de um obsidiado foi apresentada logo após o Sermão do Monte, constando como parte do ministério da Galileia. Pastorino faz diferente. Parece usar o seguinte raciocínio. Em Mateus, esta desobsessão figura-se em 12:22-30. Na sequência, em 12:23-24, está a condenação dos fariseus a Jesus, acusando-o de ter parte com Belzebu para realizar curas que implicam em sua expulsão do campo mental do enfermo. Há correspondência em Marcos, capítulo 3, versículo 22. Jesus faz uma primeira defesa, presente em Mateus 12:25-30 e em Marcos 3:23-27. Neste mesmo capítulo, versículo 22, está dito que os fariseus haviam descido de Jerusalém. Então, Pastorino deve ter usado esta informação para localizar esta passagem nas redondezas de Jerusalém, no tempo do ministério na Judéia. O Mestre continua, num segundo discurso, que é o foco de nosso estudo atual, a sua defesa, ou melhor, o seu ataque. O melhor seria estarem as duas passagens vinculadas numa sequência de estudo, fosse no ministério da Galileia, fosse agora, no ministério da Judéia. Corrigindo esta separação indevida, como preâmbulo, apontemos, então, para o conteúdo que complementa a resposta de Jesus.

Ele quer despertar – e o faz com rigor e intensidade – os fariseus para o significado especial do serviço religioso, na hierarquia dos valores. Deixa claro que a responsabilidade da ordenança espiritual, na Terra, situa-se em patamar distinto. Isto porque, podemos deduzir, os religiosos não apenas se fazem guias de um agrupamento ou nação, como acontece também com os políticos, mas porque o



Por uma cultura de paz

conteúdo do seu ofício versa sobre a conduta moral. Colocam-se na incumbência de pastorear um rebanho que pede orientação. Aceitam sentar em posto a ser inspirado por forças espirituais superiores. Logo, precisam dar conta da boa realização desta diferenciada função. Se querem ser guias de um povo, precisam aprontar sintonia fina, pela dedicação e justeza, que pede árduo trabalho. Ou seja, serem sagazes o suficiente para discriminar o profano do sagrado, entre o que vem de Deus e não apenas o que vem do homem, mas do homem quando se aferra às forças demoníacas. Se é grave para o ser humano vulgar mancomunar-se com os interesses do mal, imaginem, então, como tal conluio é condenável para o intérprete de Deus.

É sobre este tema que os sete versículos de Mateus e os três de Marcos versam. Analisemos, agora, o seu conteúdo porque, se estamos neste lugar do estudo do verbo divino, é possível que em algum momento sejamos chamados a responder em consonância com este entendimento na esfera que ultrapassa as nossas relações imediatas.

Há duas questões de tradução nesta passagem. Uma, menor, onde Pastorino utiliza as palavras “erro” e “má palavra” no lugar de “pecado” e “blasfêmia”. Outra, mais grave porque pode levar a erro de entendimento. Nas traduções correntes, no versículo 32 de Mateus está “E, se qualquer disser alguma palavra **contra o filho do homem**, ser-lhe-á perdoado; mas se alguém falar **contra o Espírito Santo**, não lhe será perdoado...”. Sua correspondência em Marcos, versículo 28, “Na verdade vos digo que todos os pecados serão perdoados **aos filhos do homens...**”, complementado no versículo 29, “qualquer, porém que blasfemar **contra o Espírito Santo**, nunca obterá perdão...”. De acordo com o encontrado em Mateus não seria pecado blasfemar contra o Filho do Homem, ou seja, o Cristo. A tradução corrente que está em Marcos corrige este erro, pois entende que não é o erro contra o Filho do Homem que deveria constar no texto de Mateus, mas o erro perpetrado pelos filhos dos homens, ou seja, pela humanidade comum, diferente do erro e má palavra do Espírito (daquele que cuida dos conteúdos espirituais).

139.2 Evangelho-parte 1: A palavra e o ensino não relevados (Mt, Mc)

Mateus 12:31-37	Marcos 3:28-30
31. Por isso digo-vos: "Todo erro e má palavra será relevada aos homens; mas a má palavra do Espírito não será relevada.	28. "Em verdade vos digo, que serão relevados aos filhos dos homens todos os erros e palavras más que profiram,
32. E quem profira um ensino contra o filho do homem, lhe será relevado, mas o que diga contra o Espírito Santo não lhe será relevado nem neste ciclo nem no vindouro.	29. Mas quem falar mal contra o Espírito, o Santo, não tem resgate neste ciclo mas é réu do erro do ciclo".
	30. Porque diziam: "tem espírito não purificado".



Por uma cultura de paz

Mateus 12: 31-32

Portanto, eu vos digo: Todo o pecado e blasfêmia se perdoará aos homens; mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada aos homens. E, se qualquer disser alguma palavra contra o Filho do homem, ser-lhe-á perdoado; mas, se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado, nem neste século nem no futuro.

Marcos 3: 28-29

Na verdade vos digo que todos os pecados serão perdoados aos filhos dos homens, e toda a sorte de blasfêmias, com que blasfemarem; Qualquer, porém, que blasfemar contra o Espírito Santo, nunca obterá perdão, mas será réu do eterno juízo (Porque diziam: Tem espírito imundo).

1. Por isso digo-vos: “todo erro e má palavra dos homens será relevada, mas a palavra do Espírito não será relevada.
2. E aquele que proferir um ensino contra os homens será relevado, mas o ensino contra o Espírito Santo não será relevado nem neste ciclo nem no vindouro.

139.3 Evangelho-parte 2: o homem mau e bom comparados com a árvore ou com o tesouro (Mt)

Mateus 12:31-37	
33. Ou supondes a árvore boa e seu fruto bom, ou supondes a árvore má e seu fruto mau; porque a árvore é conhecida pelo fruto.	
34. Filhos de víboras, como podeis falar boas coisas, sendo maus? porque da abundância do coração a boca fala.	
35. O homem bom do bom tesouro tira coisas boas, e o homem mau do mau tesouro tira coisas más.	
36. Digo-vos, pois, que qualquer palavra inútil que tenham falado os homens, darão conta desse ensino no dia da discriminação.	
37. porque por teus ensinamentos serás justificado e por teus ensinamentos serás condenado".	

3. Ou supondes a árvore boa e seu fruto bom, ou supondes a árvore má com seu fruto mau, porque a árvore é conhecida pelo fruto.
4. Filhos de víboras, como podeis falar boas coisas, sendo maus, se é da abundância do coração o que a boca fala?
5. O ser humano bom do bom tesouro tira coisas boas, como o ser humano mau do mau tesouro tira coisas más.
6. Digo-vos que qualquer palavra inútil falada, darão conta desse ensino no dia da discriminação,
7. porque por teus ensinamentos serás justificado e por teus ensinamentos serás condenado.



Por uma cultura de paz

139.4 Auto-indagação reflexiva e expansiva:

1. Como diferenciar a palavra ensinada no contexto profano do sagrado?

Quando emitimos comentário sobre algum evento de que somos testemunhas ou sobre fatos que soubemos notícias, ou quando nos dispomos a ensinar, é preciso nos perguntarmos de que lugar nosso discurso começa. Neste particular, duas são as condições a considerar para descobrir a natureza desta fonte.

Através da referência da psicologia transpessoal – esta psicologia que busca tratar ou auxiliar o ser humano, na superação dos seus problemas, usando a referência da espiritualidade – ficaram postuladas, em alguma Meditação Cristã, as duas instâncias a partir de onde vibra o indivíduo: a pessoal e a transpessoal. Caberia acrescentar as duas a que ele também se dirige. Tais referências não são propriedades desta psicologia. Muito pelo contrário, são apanágio da espiritualidade. É a psicologia que, entendendo sua limitação, caso teime em sustentar uma leitura do ser humano baseada apenas na observação do campo terrestre da sua existência, busca singular complementação na realidade espiritual. Formula, em decorrência desta ampliação de horizontes, um inconsciente, não apenas pessoal – facilmente deduzível após os apontamentos de Freud – mas sobretudo, o mais valioso e *profundo*, o transpessoal. Isto é, a instância espiritual que constitui a essência de todos nós. Na esfera da religiosidade, recebe nomes diversos. Citando aqueles que as tradições mais conhecidas distinguem, tem-se: reino dos céus, nirvana, satori, samadhi.

A partir desta referência, das duas instâncias psíquicas, o trabalho de comentar os versículos da ocasião fica facilitado.

O ser humano que não despertou para esta realidade considera ser apenas a personalidade, isto é, seu ego autobiográfico. A si como ao outro. Ambos cabem nesta dimensão apertada da vida.

Caso a questão tratada nos círculos humanos diga respeito à esta estreita esfera, aquele que faz comentários sobre a realidade espiritual não será levado tão em conta por *não ser um especialista*. É um amador, um curioso. Se disser, por exemplo, que não se pode discutir o sexo dos Espíritos, estará sendo coerente – não dispõe de conhecimento para. Se disser que o que os erros contraídos nesta existência são pagos na própria, *idem*. Se disser que Deus não é justo ou que não existe, da mesma forma estará em consonância com a fonte (ignorante) da qual fala. Mas o mesmo não prevalece para o sacerdote que dedicou sua vida a tais estudos, a partir dos quais se dispõe a orientar os fiéis que precisam de uma palavra mais ponderada para escolher suas ações.



Por uma cultura de paz

Se os fariseus induziam as pessoas a opiniões equivocadas sobre o Cristo, de ter parte com Belzebu, justamente sobre aquele que rejeitou, com firmeza, acordo com o diabo em três essenciais questões que importam por demais à humanidade – o egoísmo, o orgulho e o poder (MC-21) –, então, é certo, seriam chamados às contas no “dia da discriminação”, como prefere traduzir Pastorino, em vez de “dia do juízo”. E seriam julgados a partir da impertinente posição tomada.

São oficiais de Deus, mas não agem como tais. Se não se se experimentam a partir da essência que são, também não enxergarão aquele que respira ao seu lado, a partir desta profunda instância. Como disse o Cristo, são cegos guiando outros cegos. O que acontecerá a ambos? Cairão no barranco. Do guiado também se pede que estude minimamente a doutrina para ser capaz de distinguir os profetas. Ali, aqueles servidores do templo, não tinham condição de assumir plenamente suas nobres funções.

Não foram, pois, capaz de (re)conhecer o Messias e, pior, estimularam seus liderados a fazerem o mesmo – confundir o Cristo com o seu adversário, que também mora no interior de cada um de nós. Por isso, cabe toda vigilância, a fim de, quando falarmos ou ensinarmos, sabermos de que instância parte a nossa palavra – do Cristo interior ou do dissimulado diabo.

E ao Cristo coube a reprimenda devida. Chama-os de “filhos de víbora” porque está sentindo na alma o veneno peçonhento destilado. Abundava a má-fé junto com aqueles que se postavam como representantes do Senhor. Quanto engano, quanta perturbação. Mas a Jesus, o memorável psicólogo, que tinha o dom de ler o pensamento, e aquele que, por já ter findo seu trabalho de purificação, fora dada autoridade para, funcionando como porta-voz do Pai, agir com o rigor necessário.

139.5 Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

2. Como fazer do meu coração um bom tesouro, e da minha vida uma boa árvore, para, em meditação, reconhecer o Cristo?

Vigiar minha ação é já estar no filtro final da expressão. Mesmo assim é bom, porque me impede de externar aquilo que ainda não consigo deixar de pensar e sentir. Emergem como condição de atraso em que o ego com o qual me confundo situa-se. Infelizmente. Dou por satisfeito em reconhecer e conter estas marcas de inferioridade que carrego. Constituem meu campo de trabalho diário, e assim o tomo, graças a Deus.

Vigiar minhas palavras quase coincide com o esforço anterior porque, nestas ocasiões, o silêncio é satisfatório conselheiro, na medida que me permite trazer à reflexão a tábua dos mandamentos cristãos, com os quais minhas tendências inferiores dialogam. São tantas as vezes que, passados alguns minutos ou horas, consigo restabelecer a segurança de “a paz do Cristo”, como é justo chamar, a companhia da tua presença, Divino Amigo.



Por uma cultura de paz

Para estender a compreensão desta realidade psíquica que me acompanha, como exercício de autoconhecimento, deixo vazar as tendências toscas que minhas emoções primárias clamam, próprias da criança ferida ou voluntariosa que me habita a alma. Preciso contatá-la e descobrir a amplitude do seu domínio para, através do recurso psicológico da *Completação*, escoar estes rios egoicos no oceano do Ser. São exercícios espirituais que me auxiliam no autoconhecimento e autotransformação.

Mas é na meditação que o trabalho se faz mais profundo e intenso. Posso, ali, em intimidade com meu universo pensante, perceber os padrões vigentes se manifestando na intenção de ocupar a cena da consciência, em átimo de tempo. É preciso transferir a acuidade da observação para estes tempos mais curtos. Na duração de uma respiração há tanta vida mental a observar e laborar.

Neste campo sutil posso instalar o terceiro filtro, o que fica para além da ação e da palavra, na refinada dimensão dos pensamentos e das emoções. Em atitude de meditação, assisto o funcionamento deste filtro ante o nascimento sutil dessas produções mentais. Não dando guarida à sua progressão, conquisto um novo domínio que me permite colocar em ação a poderosa alquimia de transmutar chumbo em ouro psíquico, ou seja, as más sementes em bons germens.

Vou ao encontro do bom tesouro que Deus colocou no meu, no nosso, coração. Preparo-me, sem pompa e circunstâncias, porque se dá no silêncio do dia e na escuridão da noite, o encontro singelo com o Cristo em mim.

Depois, de tal como Jesus no deserto, que representa para mim as vicissitudes que sou posto à prova, para o meu próprio bem, é certo, depois de rejeitar acordos com o adversário que ainda me aluga compartimentos internos, sou visitado por uma haura benfazeja que preanuncia os primeiros clarões do Reino.

Louvado seja Deus.

139.6 Versículo(s) para a meditação: Mateus 12:35 e 37.

35. “O homem bom do bom tesouro tira coisas boas, e o homem mau do mau tesouro tira coisas más.

37. ...porque por teus ensinamentos serás justificado e por teus ensinamentos serás condenado”.

RedeUnaViva: Meditação Cristã 140 – paragem 332 – 21.05.17
LUCAS 11:24-26; MATEUS 12:43-45